

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

ANDREIA SANTOS DE LIMA¹; LUCIANA NUNES FERREIRA²; RÉGIS DE
ARAUJO PINHEIRO² MARIO CONILL GOMES³; ALISSON EDUARDO
MAEHLER³; DÉCIO SOUZA COTRIM³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – andreiaciagralic@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – lucianaregispinheiroagro@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas – mconill@gmail.com, alisson.maehler@gmail.com;
deciocotrim@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda a temática ações de extensão universitária e construção do conhecimento agroecológico, permeadas pela sistematização de experiências do Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária (TECSOL-UFPEL), desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho Transição Agroecológica no período de Março a Julho de 2018. O referido grupo assessora agricultores familiares em situação de vulnerabilidade social em comunidades rurais nos municípios de Pelotas, Canguçu e Morro Redondo, no estado do Rio Grande do Sul. Visando promover a inclusão e permanência desses agricultores aos mercados de caráter solidário por meio do assessoramento do TECSOL-UFPEL e fortalecer a Transição Agroecológica com apoio da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

A extensão universitária se constitui como um espaço formativo que articula ensino e pesquisa indissociavelmente, com objetivo de transformar as relações entre Universidade e Sociedade. É por meio dela que a Universidade se aproxima da sociedade, ao promover troca de experiências, com base na união do conhecimento popular e acadêmico.

Para Freire (2006) “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.”

Segundo Altieri (2012) a Agroecologia fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para uma nova revolução agrária não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Fundamentados no pensamento de Freire e na Agroecologia como base científica, é necessário idealizar práticas acadêmicas que promovam a transformação e democratização dos espaços educativos, e que trabalhe na emancipação desses atores sociais. Posto como desafios a serem enfrentados, por meio do desenvolvimento de atividades extensionistas que desenvolva o diálogo, contemple e respeite os aspectos culturais locais e contribua para transformação da realidade.

Segundo Sousa (2015) a construção do conhecimento agroecológico é um processo de interação e confluência entre distintos conhecimentos, como o científico e o popular/tradicional, que objetivam trabalhar questões relevantes às respectivas realidades, alcançar soluções e práticas coerentes com o contexto sociocultural, promissoras de maior sustentabilidade e equidade no meio rural.

Objetiva-se com esse trabalho contribuir com reflexões acerca das experiências desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho Transição Agroecológica

protagonizadas pelos discentes, docentes e agricultores familiares e como o mesmo colabora para consolidação da Construção do Conhecimento Agroecológico junto aos atores sociais do campo e da universidade, por meio da sistematização das atividades desenvolvidas no período de março a agosto de 2018.

2. METODOLOGIA

O Grupo Transição Agroecológica é composto por bolsistas e voluntários discentes de diversos cursos de graduação, docentes e conta com a colaboração de discentes dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais e Sistema de Produção Agrícola Familiar da UFPEL.

As atividades desenvolvidas pelo GT Transição Agroecológica foram realizadas no período de março a julho de 2018, junto aos agricultores familiares que compõem a Associação Bem da Terra localizados nos municípios de Pelotas, Canguçu e Morro Redondo, que se organizam em grupos de trabalho: Grupo Amoresa, Grupo União, Grupo Silveira, Grupo Germinar, Grupo São Domingos e Grupo Maciel. Os resultados desse trabalho são socializados por meio de publicações acadêmicas (artigos científicos, apresentação em Congressos, confecção de cartilhas técnicas etc.), sendo a página do Facebook (TECSOL) outro veículo de mídia importante para socialização dessas atividades.

O método participativo é composto de técnicas e ferramentas que propiciam uma interface entre os atores com características dialógicas. Esse elemento é proposto pelos articuladores dentro da arena de CCA, no sentido da ampliação dos debates na formação dos projetos sociais. Esses atores constituem-se de forma privilegiada na construção do conhecimento agroecológico. No cotidiano, são intitulados de extensionistas rurais, mediadores sociais ou agentes de desenvolvimento. (COTRIM, 2017)

Levando em consideração a formação tradicional em que o saber priorizado é o acadêmico, as práticas em metodologias participativas promovem uma ruptura, essa ruptura se dá a partir do entendimento do quanto é importante à participação de todos na construção do conhecimento e o reconhecimento da valorização dos mais diversos tipos de saberes.

A proposta metodológica foi construída coletivamente e tem como pressuposto o conhecimento da realidade, baseando-se na vivência como um instrumento pedagógico, utilizando-se procedimentos participativos, a qual se constituiu de 05 etapas, que serão detalhadas a seguir: Reunião de Planejamento das Atividades a serem desenvolvidas no período 2018.1; (Início do Período/Semanal); Visita às propriedades Rurais; Sistematização das Visitas e Atividades realizadas e, Encontro de Agricultores e equipe do GT Transição Agroecológica/TECSOL-UFPEL.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações de extensão rural universitária realizadas pelo Grupo de Trabalho Transição Agroecológica, ao buscar o uso de metodologias participativas acaba aderindo ao pensamento de Freire, porém, entra em conflito com o método convencional da formação dos sujeitos da academia, baseada em métodos difusionistas, onde o técnico é detentor do saber e o agricultor o receptor desse conhecimento.

No Brasil a Extensão Rural apresenta 03 três períodos importantes para compreensão e análise do modelo predominante vigente, denominado por

Rodrigues (1977) como: humanismo assistencialista, difusionismo produtivista e humanismo crítico. Atentamos aqui para o período denominado Difusionismo produtivista, definido por Rogers (1995) como o “processo pelo qual uma inovação é comunicada através de certos canais ao longo do tempo entre os membros de um sistema social. É um tipo especial de comunicação em que as mensagens são relacionadas às novas ideias.” Sendo o período em que os atores sociais são receptores de políticas governamentais que impulsionem o desenvolvimento rural, não existe troca de ideias de forma que contribui para a perda de autonomia do sujeito, em que o mesmo é impossibilitado de transformar sua realidade.

Essas reflexões estão presentes na discussão e construção dos métodos participativos desenvolvidos pelo GT Transição Agroecológica, na qual, a relação de troca de conhecimento acontece em mão dupla. Todos os atores sociais dialogam, são instigados a promover a construção do conhecimento agroecológico, e não apenas a extensão desse conhecimento via academia ao agricultor.

Foi possível a partir do acompanhamento do GT Transição Agroecológica, perceber as atividades de extensão executadas pelos futuros profissionais da área agrária, na qual essas atividades aproximam os atores sociais da academia à realidade rural, tornando-os familiares a realidade e as atividades executadas, oportunizando o conhecimento e uma releitura de mundo que preserve o respeito às diferenças.

Com base na Agroecologia, a abordagem sistêmica favorece a efetivação da CCA, trazendo o ator social do campo para o centro da discussão, dando a ele a devida importância no processo e oportunizando a tomada de decisões. Na perspectiva de diminuir a distância entre academia e meio rural, as atividades do GT Transição Agroecológica contribuem na construção de uma extensão rural universitária, aproximada da realidade e fundamentada nos anseios e demandas dos atores sociais.

As atividades desenvolvidas pelo GT Transição são discutidas coletivamente entre os atores sociais, as demandas são levantadas por meio das visitas de campo, dando prioridade as mais urgentes definidas coletivamente. As reuniões ocorrem semanalmente, na qual as agendas de visitas de campo são planejadas e orientadas pelo corpo docente e técnico do projeto, com a participação de bolsistas e voluntários.

As visitas de campo ocorreram entre os meses de Março a Julho de 2018, totalizando 52 visitas. Podemos destacar essas visitas de campo como exitosas, levando em consideração os gargalos para execução e os desafios com relação à logística para sua efetivação. Na ocasião os bolsistas/voluntários conheceram as propriedades dos agricultores familiares, na qual o primeiro contato colabora para familiarização da realidade a ser trabalhada. As demandas foram elencadas com base no conhecimento da realidade e a fim de fortalecer a agricultura familiar de base ecológica, abrangendo multidimensões no manejo de agroecossistemas mais sustentáveis, todas as visitas geram relatórios técnicos por parte dos atores sociais da academia, disponível para sistematização das atividades desenvolvidas.

Como resultado da visita de campo, é perceptível a forma de aproximação entre os atores sociais da academia e os atores sociais do campo. Tornando possível o vínculo na construção contextualizada entre agricultor e discente, na qual esse vínculo não se finda com o encerramento da visita, a visita se apresenta como mecanismo de fortalecimento do processo da CCA. Tal reflexão é necessária em consideração à formação dos futuros profissionais da área agrária, ao enxergar o sujeito do campo, seus anseios e demandas como fator importante para efetivação da CCA. As atividades de extensão do Grupo de Trabalho possui

dinâmica peculiar, na qual essas atividades se constituem de espaços formativos e em permanente construção.

A sistematização das atividades desenvolvidas pelo GT Transição durante os meses de março a agosto se deu por meio do Encontro, dia de campo realizado em Agosto de 2018, na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) - Estação Experimental da Cascata, com a efetiva participação de bolsistas, voluntários, agricultores e agricultoras familiares, docentes e pesquisadores. O Encontro foi organizado e promovido pelo próprio GT, com a finalidade de promover um espaço de troca de saberes e experiências, contemplando a participação de todos os atores sociais e a construção permanente do conhecimento agroecológico, inter-relacionando saberes acadêmicos e populares. As temáticas trabalhadas foram levantadas por meio das demandas das visitas técnicas, sendo elas: Sementes Crioulas, Insumos Agroecológicos, Qualidade do Solo e Uso de Fitoterápicos no manejo animal. O Encontro possibilitou a troca de conhecimentos evidenciada pela construção do mesmo de forma horizontal. Os atores sociais do campo participaram efetivamente por meio do diálogo ao mediar às discussões e promover o debate das temáticas trabalhadas. Consideramos a autonomia um dos fatores determinantes para consolidação do Encontro como ferramenta participativa eficaz na CCA. Todas as temáticas trabalhadas condiziam com a realidade dos atores sociais, favorecendo uma maior interação entre os pares.

4. CONCLUSÕES

O assessoramento aos grupos rurais por meio de ações de extensão rural universitária, pautado em metodologias participativas favorece a efetivação da Construção do Conhecimento Agroecológico. As experiências desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho Transição Agroecológica protagonizadas pelos discentes, docentes e agricultores familiares colaboram para consolidação da Construção do Conhecimento Agroecológico junto aos atores sociais do campo e da universidade, e é por meio da sistematização das atividades desenvolvidas que possibilita trabalhar a autonomia desses sujeitos, como também contribuir na formação dos bolsistas/voluntários estimulando a aproximação da realidade, capazes de analisar os contextos que atuarão e possibilitar a transformação de dada realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006.
- ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 Ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.
- SOUSA, Iara Fonseca. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NA EXTENSÃO RURAL–POTENCIALIDADES E DESAFIOS. Ciência & Tecnologia Social, v. 2, n. 1, 2015.
- COTRIM, Décio Souza. Método participativo: uma análise a partir de uma perspectiva agroecológica. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 12, n. 4, 2017.
- RODRIGUES, C. M. Conceito de seletividade de políticas públicas e sua aplicação no contexto da política de extensão rural no Brasil. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.14, n.1, p.113-154, 1997.
- ROGERS, E. M. Diffusion of innovations. 4th ed. New York: Free Press, 1995. p. 518.